

# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CBD0247 - Introdução à Museologia

1º Relato Crítico

Amanda Capistrano Pinheiro - 7576534

Fausto é uma popular lenda alemã, imortalizada nas mãos do escritor Goethe, que foi fonte para a versão de 2011 do diretor russo Alexander Sokurov. O filme se inicia no céu, com um espelho surgindo entre as nuvens e posterior aproximação da câmera à terra, que vai lentamente chegando à cidade ainda sobre os muros feudais. A primeira cena do filme é impressionante e repugnante, pois apresenta Fausto dissecando um cadáver, indicando a sua busca pela alma. Mas porque tanto interesse, porque essa necessidade quase que insana de adentrar na essência humana? Talvez essa busca pelo interior do homem represente o que muitos buscam em um museu, a história da humanidade, a sua cultura e emoções transmitidas através da arte. Conforme Malraux “O museu impõe um estado de interrogação relativamente a cada uma das expressões do Mundo nele reunidas e àquilo que as reúne. (...) Contudo, o museu é um dos lugares que mais alta ideia dão do homem.” É nesse estado de interrogação em que vive Fausto. Numa busca incessante por conhecimento e sabedoria, o que lhe faz sentir uma fome insaciável.

Muitas vezes o mal cheiro das pessoas ou dos locais é citado, fornecendo ao espectador uma visão mais real de como era aquela cidade. Fausto é um dos quais provêm o cheiro desagradável. Seria falta de higiene exterior ou interior? Poderia ser um retrato da pessoa que ele estava se tornando, capaz de qualquer coisa para atingir seu objetivo.

O filme possui um enquadramento próximo ao quadrado, de bordas arredondadas e que só contribuiu para aumentar a escuridão existente em boa parte do tempo, o que gera uma sensação de incômodo. Segundo Malraux, o enquadramento de uma escultura, o ângulo sob o qual ela é vista, uma iluminação estudada, sobretudo, acentuam de uma forma imperiosa o que, até então, tinha sido apenas sugerido. Dessa forma, a escuridão existente naquela cidade que estava emergindo, naquela existência de uma nova sociedade moderna a se formar e na alma de Fausto devido a presença de Mauricius, é ressaltada. O oposto ocorre quando há a aparição da figura de Margarete, é como se ela iluminasse tudo ao redor (a luz passa um tom amarelado para um esbranquiçado). Infelizmente, Fausto escolhe o caminho obscuro para atingi-la, recorrendo a um pacto de sangue com Mauricius, sendo finalmente corrompido pelo poder.

E o fim se dá por meio da água. Fausto se atira em um lago junto com Margarete e assim põe término a sua vida. As cenas seguintes aparentam ser provenientes de um sonho, uma mistura de ficção e realidade e que talvez tenham acontecido em uma dimensão paralela pós vida. O interessante é que no filme *Underground*, um casal de personagens também morre por meio da água, em momentos diferentes, mas que se encontram em um mergulho para um local no qual possam ser felizes e se encontrar com todos os amigos, em um momento de reconciliação.

*Underground* é um filme iugoslavo do diretor Emir Kusturica, que narra através de um par de amigos, Marko e Crni, uma parte da história da cidade de Belgrado, da 2ª Guerra Mundial até a Guerra Fria. Marko e Crni eram comunistas, traficantes de armas, que se apaixonam pela mesma mulher, a atriz

Natalija. A mulher e a busca por poder e dinheiro fazem Marko trair Crni, mantendo-o em um porão e fazendo acreditar que a 2ª guerra permanece, enquanto todos os habitantes produzem armamento militar incansavelmente e enriquecem Marko.

Marko constrói um verdadeiro universo paralelo em seu porão. Ele cria uma época que já não existe, conseguindo fazer com que todos os seus habitantes acreditem na sua existência. A construção dessa sociedade pode ser uma alegoria do museu. O porão de Marko está parado no tempo. Como se ele tivesse congelado naquele instante e todos os habitantes ainda vivessem aquele período da história. Desse mesmo modo se edifica um museu de história. Objetos e obras reproduzem determinado momento e te permitem uma imersão a ponto de ser transportado através do tempo, o que também será abordado na Arca Russa.

Essa ideia é condizente com o texto Nas Ruínas do Museu, de Douglas Crimp. Nele, Benjamin afirma que para o real colecionador, tudo no sistema se torna uma enciclopédia contendo todo o conhecimento de uma era. Um dos maiores encantos para um colecionador é enclausura-los em um círculo mágico onde isso se petrifica. O que é realizado por Marko em seu porão. Cada detalhe, como a música, remete a uma época do passado, conhecido por aquele público (seus habitantes), mas não mais vivenciada. Outro aspecto também ressaltado por Benjamin e aplicável ao porão de Marko é que o museu retira um objeto de seu contexto histórico original para criar uma ilusão de conhecimento universal. Segundo ele os objetos são removidos da história e recolocados em acordo com a percepção política do momento. Os museus geralmente são fiéis ao contexto histórico ao qual pertence determinado objeto, mas Marko usa esse poder de

modo a recriar esse contexto de modo a torna-lo real e controlar as pessoas a sua volta.

O estado de alienação criado nos moradores do porão pela fé em algo inexistente os leva a quase loucura, e em alguns casos morte, ao se libertarem para o mundo exterior, no qual a realidade é bem diferente da apresentada em sua casa. Quando o filho de Crni conhece a realidade, se percebe que ele não sabe o que são coisas simples, soando como um ser abobalhado para o espectador. O irmão de Marko se mostra completamente deslocado e se suicida ao descobrir que a farsa sobre a qual viveu durante anos foi maquinada por seu irmão. E há a figura do macaco, que nos é apresentado como um jovem filhote, é criado como um filho pelo irmão de Marko, possui inteligência o suficiente para conseguir escapar do porão e é encontrado anos mais tarde, já idoso, por seu pai, sendo responsável por mostrar-lhe a realidade atual. É interessante observarmos que o macaco se comporta como humano. Talvez mais humano que os habitantes do porão.

A Arca Russa também é um filme do diretor Sokurov, que é ambientado no Hermitage, museu em São Petersburgo. Uma curiosidade sobre esse filme é que ele foi filmado em um único plano, sem cortes e em tempo real. O filme se inicia com uma tela escura e a seguinte fala: “Abro meus olhos e não vejo nada. Me lembro que ocorreu um acidente. Só não me lembro do que aconteceu comigo.” O que nos cria um certo mistério ao redor do narrador protagonista do filme e indica que ele talvez seja um fantasma. Em seguida, somos transportados para um pátio repleto de pessoas com roupas de festa e máscaras. O narrador questiona se é invisível. Ele é o responsável pela câmera. O que torna o recurso

do plano único ainda mais interessante, pois a câmera representa os olhos do protagonista.

O cineasta encontra um amigo, um homem de preto, europeu que está visitando a Rússia. Eles passam então a conhecer as galerias do Palácio, que se mostra um museu. O homem de preto afirma que a Rússia é como um teatro. Ao caminhar pelos corredores do palácio, encontram figuras com roupas de uma época não mais existente. Imediatamente associa-os com atores pretenciosos. Entretanto, o filme além de ser uma imersão no museu, é uma visita à história da Rússia. As personagens que o percorrem são reais e peças importantes na história russa. Mas que talvez atuassem para manter as aparências e necessidades da época. Essa passagem de tempo de acordo com o avanço deles pelos corredores e salas do Palácio e que retrata a história russa através dos personagens pode ser considerada um retrato do museu. Museu e história se fundem. Não há a existência do primeiro sem o segundo. Eles se constroem gradualmente e de modo interligado. Em um museu conhecemos a história e podemos conhecê-la ainda mais profundamente do que nos livros.

O homem de preto dá demasiada atenção ao fato de que os russos copiam os italianos, na música e nas obras de arte. Diz que as autoridades não acreditam em seus próprios artistas, preferindo copiar os italianos. O que demonstra a influência europeia na construção da cultura russa. E na construção do museu. A Itália era o centro da Europa e onde as obras de arte mais sofisticadas surgiram no período do Renascimento, para depois de espalharem na periferia do continente, tornando-se portanto uma referência.

Um momento interessante do filme é quando os protagonistas atingem uma sala na qual está presente uma cega. Apesar de seu impedimento, ela é capaz

de enxergar as obras, transmitindo as suas impressões para os outros, obtidas talvez através de uma descrição dos quadros. O que de uma forma ou de outra também está relacionado ao nosso modo de apreciar arte, o que pode ser esclarecido por Bordieu e Darbel: “a nossa ideia a respeito de um artista depende das obras que lhe são atribuídas e, queiramos ou não, essa nossa ideia global a seu respeito acaba colorindo nosso olhar sobre cada uma de suas obras.”

Segundo Bordieu & Darbel, em *O Amor pela Arte*, cada indivíduo possui uma capacidade definida e limitada de apreensão da “informação” proposta pela obra. A mulher cega era limitada por sua deficiência, mas isso não a impede de compreender a obra, a seu próprio modo. Bordieu & Darbel também afirmam que o tempo dedicado pelo visitante à contemplação das obras apresentadas constitui um bom indicador de sua aptidão em decifrar e saborear tais significações. A mulher cega parecia permanecer um longo tempo naquele museu, apreciando as obras e interpretando-as. Mesmo sem vê-las.